

O Design como uma possibilidade de formação acadêmica para o ilustrador brasileiro

Actas de Diseño (2022, abril),
Vol. 39, pp. 136-143. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2017
Fecha de aceptación: julio 2018
Versión final: abril 2022

Mônica Lopes Nogueira, Rita Maria de Souza Couto e Flávia Nízia de Fonseca Ribeiro (*).

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar os dados parciais da pesquisa realizada com ilustradores profissionais e futuros ilustradores sobre a formação acadêmica do ilustrador no Brasil, bem como apontar as questões paralelas entre o ensino do Design e a formação profissional do ilustrador no país. Atualmente há uma demanda de alunos que querem ser ilustradores e que, sem nenhuma formação acadêmica específica para a área, acabam ingressando, em sua maioria, no Design. Dessa forma, o presente artigo pretende apresentar esse cenário de formação, bem como as dificuldades que estes alunos enfrentarão para serem ilustradores.

Palavras chaves: Ilustração - Formação Acadêmica - Ilustrador - Brasil.

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 142]

A ilustração tem sido considerada por muitos como parte unicamente do universo das Belas Artes. Entretanto, essa área aborda outros conhecimentos que não só as técnicas ferramentais do desenho e da pintura. É possível que tal pensamento pudesse ser melhor compreendido se houvesse não só uma formação mais específica para o ilustrador, mas também mais pesquisas acadêmicas sobre esta profissão.

Faz-se necessário considerar que, a princípio, para que uma pessoa escolha uma graduação que proporcione um ingresso mais específico no mercado de trabalho, é possível contar, dentro do cenário brasileiro de formação superior, com diversas opções de escolha. Porém, para certas carreiras que ainda não possuem uma formação acadêmica, é necessário cursar uma graduação em uma área afim e, posteriormente, realizar vários outros cursos que complementem sua formação inicial, capacitando o futuro profissional para trabalhar realmente no ramo desejado.

Uma das carreiras que no Brasil ainda carece de formação acadêmica mais específica, apesar de não ser nova, é a do ilustrador. Praticamente não há registro de uma graduação brasileira para a formação unicamente de ilustradores, nem tecnológica e nem em bacharelado. O que existe atualmente é a oferta de graduações para esta área que poderíamos chamar de híbridas, ao oferecerem cursos que conjugam, por exemplo, “comunicação e ilustração digital” ou “animação e ilustração digital”.

É válido ressaltar que no Brasil para exercer profissionalmente a carreira de ilustrador não é necessário fazer uma graduação, porém ter uma formação acadêmica pode auxiliar esse futuro profissional com relação às diversas possibilidades de representação em ilustração, bem como ajudá-lo a inserir-se no mercado de trabalho, possibilitando que ele planeje estratégias de posicionamento e visibilidade. Entretanto, tal afirmação cria um impasse:

se ter uma formação superior ajudaria na inserção ao mercado de trabalho, no caso de não haver uma graduação em ilustração, que curso escolher?

Com pouca possibilidade de formação específica para esta carreira foi percebido, através de pesquisa realizada e apresentada de forma parcial neste artigo, que grande parte dos ilustradores que participaram do questionário continuaram seus estudos escolhendo fazer uma graduação apesar de não ser exigido um diploma para atuar na área, sendo as escolhas mais comuns o curso de Graduação em Design (37,9%), seguida pelos cursos de Belas Artes (21,3%), Comunicação (6,6%) e Biologia (4,7%) respectivamente.

No portal do e-MEC, dedicado a consultas on-line sobre instituições de ensino superior (IES), em uma busca pelo termo “ilustração” na opção de nomes de cursos de graduação, foi possível encontrar apenas seis instituições no Brasil inteiro cadastradas que oferecem graduação tecnológica em “comunicação e ilustração digital”, único termo, até o momento, utilizado pelo MEC para graduações que usam a palavra *ilustração* no nome, as quais estão listadas abaixo, sendo o nome das instituições preservados:

Instituição A - (Goiânia/GO);

Instituição B - (São José/SC);

Instituição C - (Vitória/ES);

Instituição D - (Salvador/BA);

Instituição E - (Foz do Iguaçu/PR);

Instituição F - (Campo Grande/MS);

No entanto, fazendo uma busca no site de pesquisa Google, utilizando o mesmo termo – “comunicação e ilustração digital” – além das IES mencionadas acima foram encontradas também:

Instituição G - (Teresina/PI).
Instituição H - (Brasília/DF);
Instituição I - (Fortaleza/CE);
Instituição J - (Maceió/AL);
Instituição K - (Recife/PE).

Algo interessante foi percebido em relação a essas onze IES. Elas possuem a mesma grade curricular, além também do mesmo layout de site, diferenciando uma das outras apenas no nome da instituição que, aliás, também em termos de elementos visuais de marca são bem semelhantes.

Analisando brevemente essa grade curricular única, é possível perceber que se trata mais de um curso tecnológico em design generalista do que realmente ensino de ilustração e da formação específica de um ilustrador. Mudando as palavras-chave de “comunicação e ilustração digital” para “graduação” e “ilustração”, encontra-se ainda através do Google, a Instituição L no Rio de Janeiro/RJ com uma graduação tecnológica intitulada “Ilustração e Animação Digital”, disponível dentre as opções de formação em design. Igualmente, ao analisar sua grade curricular, apesar desta estar bem mais voltada para a ilustração, ainda é dedicado muito espaço para assuntos que envolvem animação e o próprio design.

Este resultado de busca aparentemente mostra que há o início do oferecimento desse tipo de formação dentro do Design, porém causa espanto a questão de ser uma grade curricular praticamente única para a maioria das instituições encontradas, que aparentemente parece ser um pouco mais adequada a um designer do que a um ilustrador, o que pode levar ao questionamento de que talvez o termo ilustração tornou-se apenas um chamariz na captação de alunos que querem ser ilustradores.

Normalmente os cursos de Design e de áreas afins não tratam a ilustração como objeto principal de ensino, mas, de certa forma, por meio de suas disciplinas conseguem auxiliar no processo de criação da ilustração ensinando, por exemplo, noções de teoria das cores, conhecimento importante utilizado pelo ilustrador a fim comunicar algo ao seu público, porém sendo necessário ao próprio aluno que quer seguir essa carreira perceber essa relação. Diante desse cenário de formação superior para o ilustrador, será que os alunos que querem atuar na área e que optam por ingressar no curso de Design, começam a graduação relativamente desinformados, acreditando que irão desenhar a todo momento durante as aulas? Por experiência pessoal, já que também quis fazer uma faculdade para ser ilustradora, e por ter me tornado uma professora dentro do curso de graduação em Design, lecionando disciplinas de ilustração e desenho artístico, pude observar de perto a frustração de alguns alunos com relação a própria graduação para se tornarem realmente ilustradores, bem como pude perceber tal fato no resultado da pesquisa realizada com este público.

Aparentemente, apesar do design oferecer conceitos para elaboração de ilustrações, a estes alunos interessam também (ou até mais) as diferentes técnicas de produção para estas imagens, assuntos mais comumente aprendidos em Belas Artes. Entretanto, seria incorreto afirmar que o curso de Belas Artes fosse a melhor opção de graduação a

escolher, pois através também da pesquisa foi percebido um descontentamento por parte dos alunos que ingressaram nesse tipo de curso.

Assim, é possível perceber neste público uma atuação de formação mais autônoma através da realização de cursos livres variados e pós-graduações tanto online quanto presenciais, além do acompanhamento de sites e/ou vídeos disponibilizados em canais na internet sobre o assunto, bem como a participação em grupos relacionados ao tema em redes sociais. Ou seja, cada futuro ilustrador faz o seu próprio caminho, independente de ser um caminho bom ou ruim, o que torna o processo difícil já que não há muita orientação.

Dessa forma, que caminhos esses futuros ilustradores devem percorrer para este tipo de formação a fim de serem melhores profissionais, se nem mesmo eles sabem que faculdade escolher, por onde seguir? Para mim, que me interessa por ilustração, que sou ilustradora e que dou aula de ilustração é um pouco mais fácil identificar tópicos a serem aprofundados. Porém, se esses futuros ilustradores não tiverem um conhecimento aprofundado sobre o assunto ou até mesmo autonomia, como poderão sozinhos definir o que é necessário aprender ou que caminho seguir em sua formação enquanto profissional na área?

Para ser ilustrador hoje no Brasil, como mencionado anteriormente, não é necessário nenhum tipo de estudo, o que de certa maneira pode parecer vantajoso. Se não há necessidade de fazer nenhum curso ou uma graduação, quem queira trabalhar na área pode entrar no ramo e produzir suas artes a qualquer instante.

Essa facilidade pode até parecer boa em um primeiro momento, porém há alguns fatores complicadores que merecem reflexão: se qualquer pessoa pode reproduzir qualquer coisa a qualquer momento, haverá demasiadas pessoas no mercado, tornando-o saturado. Com muitas pessoas oferecendo seus serviços, haverá a necessidade de se destacar entre elas. Porém, sem nenhum tipo de formação voltada realmente para as questões que envolvem o tema ilustração, possivelmente haverá um grande oferecimento de trabalhos de baixa qualidade nesse mercado saturado.

Se não há uma formação para esta profissão possivelmente poucos irão se destacar. Esse resultado provavelmente nos fará ter a falsa impressão de que, se poucos conseguem chegar a um nível elevado (sejam aqueles que experimentam bastante, buscando realmente uma boa orientação e um bom resultado, sejam aqueles que já tinham facilidade para o desenho de forma intuitiva), ilustrar e/ou desenhar é um dom dado a apenas certas pessoas. Pensamento muito presente entre os iniciantes em ilustração, principalmente em sala de aula.

Nobu Chinen em seu livro *Linguagem HQ: conceitos básicos* também dá algumas pistas sobre a necessidade de encontrar e estudar a linguagem da representação. Em sua visão para ser um ilustrador não basta apenas saber desenhar bem, mas sim é preciso ter domínio sobre a linguagem visual.

Assim como para sermos bons escritores é preciso que dominemos os elementos que constituem o idioma,

quem se propõe a fazer quadrinhos [aqui poderíamos colocar também ilustração de forma em geral] precisa conhecer e ter pleno domínio do seu código. (CHINEN, p. 05, 2011)

Pensamento também partilhado por Will Eisner (1999) em seu livro *Quadrinhos e Arte Sequencial* quando ele afirma que muitos fazem quadrinhos, mas pouco saem da sua elaboração de forma instintiva para realmente refletirem o que estão fazendo enquanto linguagem.

Além disso, sem uma formação mais consolidada, possivelmente haverá uma organização fraca por parte desses indivíduos enquanto grupo, não havendo consequentemente pressão para o reconhecimento da área e/ou da profissão.

No Brasil, como forma de se protegerem diante desse cenário, há no mercado alguns profissionais que tentam se unir a fim de se reconhecerem enquanto grupo, buscando também refletirem em conjunto a área. São eles: Associação Brasileira de Desenhista de Mangá e Ilustrações (ABRADEMI) fundada em 1984;

- Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP) fundada em 1984;
- Associação dos Cartunistas do Brasil (ACB) fundada em 1988;
- Grafistas Associados do Rio Grande do Sul (GRAFAR) fundado em 1988;
- Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI-LIJ) fundada em 1998;
- Tupixel – Diretório de desenhistas no Brasil fundada em 1998;
- Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB) fundada em 2001;
- Associação Brasileira dos Ilustradores Profissionais (ABRIPO) fundada em 2006;
- União Nacional dos Ilustradores Científicos (UNIC) fundada em 2006;
- Ilustragruppo (um fórum via e-mail de Ilustradores do Brasil) criado em 2007.

Grupos que contam com uma faixa de criação entre 10 a 33 anos, porém ao visitar os sites de cada um, estes parecerem estar abandonados, pois os assuntos mais recentes em alguns são de datas entre 2010 a 2014.

O GRAFAR, por exemplo, nem sequer possui um site, o que torna impossível saber se esta associação ainda existe, apesar de ser bastante mencionada em documentos encontrados sobre ilustração. Já o SIB, um dos mais conhecidos entre os ilustradores, ao enviar um e-mail com perguntas sobre o grupo em abril de 2017, em resposta foi relatado que a princípio está interrompido a inscrição de novos integrantes.

É válido ressaltar que é através da formação de grupos que é possível criar meios para a reflexão sobre a área através do oferecimento de workshops, seminários, eventos em geral em que se promova o diálogo entre os pares, sendo a troca um fator enriquecedor para a área.

Um exemplo que poderia ser discutido e talvez definido, se houvesse maior organização de um grupo, seria

a necessidade ou não de uma regulamentação para a profissão e a sua posterior criação e defesa perante os órgãos governamentais. Em relação a regulamentação da profissão do ilustrador, houveram tentativas, de acordo com o ilustrador Marcelo Lopes, por parte da SIB e outras associações, mas que foi logo abandonada. O que, de certa forma, deixa a profissão enfraquecida.

De acordo com a ABRIPO (2006), o maior problema do mercado de ilustração está ligado ao fato de a profissão de ilustrador ser ignorada pelos órgãos governamentais, o que corrobora com uma das reflexões encontradas também no *Guia do Ilustrador*:

Em termos jurídicos ela simplesmente não existe, e, consequentemente não existem também escolas, faculdades ou cursos de formação profissional de ilustrador. Apenas cursos de artes onde se ensinam as técnicas de desenho e pintura, sem nunca se falar da postura profissional. (ANTUNES, p. 3, 2007)

Voltando a questão da formação, em relação a academia, quando se busca o tema em artigos acadêmicos, pesquisas de mestrado e/ou doutorado em âmbito nacional são poucos os resultados encontrados, bem como quando se busca por congressos, livros etc.

Um exemplo: se buscarmos por “ilustrador” no Portal de Periódicos da CAPES/MEC, serão exibidos apenas 248 resultados. Quando utilizado o termo em inglês “illustrator” aparecerão outros 47.395 resultados. Porém, se mudarmos a palavra de busca para “designer”, por exemplo, serão exibidos 528.719 resultados.

Já utilizando o termo “ilustração”, encontraremos 1.105 resultados, “ilustración” outros 25.772 resultados e “illustration” outros 2.178.968 resultados. Entretanto, nada comparado a se utilizarmos “design”, onde aparecerão 7.260.922 resultados. Isso demonstra, de certa forma, que comparado ao design, há pouca pesquisa acadêmica (principalmente em português) para a área de ilustração. Dentre esses resultados apresentados acima é muito comum encontrarmos algo que tenha no nome a palavra “ilustração”, porém quando analisado o conteúdo, mais aborda um artista específico, por exemplo, do que realmente o que é ilustração, se há um fundamento para a área, que assuntos fazem parte desse universo etc. Outra questão é que o termo ilustração também é utilizado por outras áreas no qual o sentido de ilustração é referente ao Iluminismo, a ilustração como razão. Ou seja, é possível que dentre os resultados de pesquisa encontrados nem todos estejam abordando a ilustração enquanto representação visual, o que provavelmente diminui ainda mais os números aqui apontados.

Porém, é necessário ressaltar que:

O Portal de Periódicos foi criado tendo em vista o déficit de acesso das bibliotecas brasileiras à informação científica internacional, dentro da perspectiva de que seria demasiadamente caro atualizar esse acervo com a compra de periódicos impressos para cada uma das universidades do sistema superior de ensino federal. (CAPES, 2016)

Ou seja, além da falta de formação acadêmica para os futuros ilustradores, esse tema, de certa forma, é carente de atenção também dentro da comunidade acadêmica. Diante de tal fato, é possível se questionar, já que existem poucas pesquisas específicas sobre ilustração como área de conhecimento, em como estão sendo preparados os professores para lecionar disciplinas que abordam o tema. Se há uma tendência a criarem cursos de graduação em Design com um enfoque para a área, bem como disciplinas isoladas de ilustração dentro da grade curricular de Design e outros cursos de comunicação, acredita-se que, diante desse cenário, por enquanto, os professores que lecionam tais disciplinas possivelmente podem estar despreparados. Tal afirmativa faz refletir sobre o que realmente está sendo oferecido como ilustração, se há pouca reflexão teórica sobre o assunto, bem como poucos livros sendo oferecidos no mercado editorial. Por exemplo, fazendo uma busca pelo termo ilustração nos principais sites de livrarias e sebo brasileiros, encontramos apenas 49 títulos de livros atuais e antigos onde há ilustração no nome. Desses, 13 títulos (26,5%) correspondem a livros sobre ilustração de moda, cinco títulos (10,2%) sobre ilustração botânica e outros nove (18,3%) aparentemente parecem enfim refletir a ilustração como área de conhecimento.

Em função dos problemas acima apontados que a SIB, a ACB, os GRAFAR e a ABRIFO se reuniram em 2007 a fim de redigir um documento de recomendação direcionado a instituições de ensino e professores de ilustração, para sugerir conteúdos que julgavam relevantes e indispensáveis aos futuros profissionais de comunicação (jornalismo, relações públicas, publicidade e propaganda, cinema, editoração e outras habilitações no campo da comunicação visual) que teriam a disciplina de ilustração na grade curricular do curso.

A conquista de uma cadeira universitária para a disciplina de ilustração é o reconhecimento acadêmico de um saber já posto na sociedade brasileira. [...] Em nossos dias, é inconcebível a linguagem de comunicação sem o acompanhamento visual, visto que a ilustração está maciçamente presente em todas as formas de comunicação: livros, revistas, jornais, TV, publicidade, cinema, vídeo game e internet. No futuro, colocado que a convergência midiática tende a ser característica dos novos tempos, tudo leva a crer que a ilustração terá papel de ainda maior relevância. (SIB et al., 2007)

Neste mesmo documento há também uma ementa que auxilia o professor a que conteúdos abordar numa disciplina de ilustração.

Dessa forma, temos uma demanda de alunos inscritos não só em Design (mas, principalmente em Design), temos o oferecimento de algumas graduações “híbridas” ou disciplinas relacionadas ao tema na grade curricular de graduações diversas, já começamos a lecioná-las de alguma forma, ainda que tímida, porém o que realmente está sendo oferecido enquanto conteúdo?

Aqui posso relatar um pouco a minha experiência como professora de ilustração. Quando fui lecionar essa disciplina pela primeira vez, não pude ensinar realmente

a turma a ilustrar ou falar sobre a área, algo que só faço agora. Naquela época apenas ensinei o uso do software *Illustrator*, já que havia um planejamento dentro de um projeto pedagógico a ser seguido para essa disciplina e eu não poderia fugir do que já estava pré-estabelecido. Quando questioneei o porquê de um formato tão engessado, o fator argumentado foi a necessidade de ensinar esse software e a falta de encontrar professores/ilustradores capacitados para lecionar o conteúdo de forma mais prática, por isso ilustração era apenas um nome, mas não o assunto a ser ensinado.

Pode parecer estranho, porém quando mudei de instituição percebi também que havia um planejamento para a disciplina de ilustração igualmente engessada, porém teórica sobre o mercado de trabalho de ilustração e que não havia espaço para a prática.

Aos poucos, em ambas as instituições, fui modificando a forma de oferecimento dessa disciplina, fazendo com que os coordenadores me dessem a possibilidade de ensinar o que eu realmente entendo por disciplina de ilustração, abordando tanto a teoria quanto a prática. Acredito que para auxiliar o aluno que quer ser um ilustrador, o professor necessita estar também capacitado. É preciso saber não só os tópicos ou questões pertinentes para transformá-lo realmente em um ilustrador profissional como também conhecer este público.

Assim, a fim de desenvolvimento de minha pesquisa de doutorado e melhor compreensão das questões referentes ao tema foi necessário entender a demanda tanto das pessoas que queiram se tornar ilustradores quanto profissionais já com algum nível de experiência e que buscam por aprimoramento nas questões referentes a ilustração. Dessa forma, foi realizado um questionário on-line com o intuito de entender um pouco mais o perfil dos ilustradores profissionais e futuros ilustradores brasileiros que participam de grupos sobre ilustração, a profissão do ilustrador ou áreas afins em redes sociais. As perguntas foram realizadas por meio de uma plataforma virtual do Google e divulgadas em mais de 300 grupos de discussão referentes ao tema no Facebook, além também da divulgação através do “Ilustragrup”, um fórum de discussão criado por ilustradores no Yahoo grupos. Tal questionário foi construído a fim de ser ramificado, ou seja, dependendo da resposta, o respondente iria para uma pergunta ou outra.

É válido ressaltar que esta é a segunda vez em que é aplicada a mesma pesquisa e os resultados obtidos são os mesmos, mudando apenas um pouco o percentual. A primeira pesquisa foi aplicada no início de 2016 e a segunda em 2017. Como resultado ainda há a mesma escolha pela maior parte desse público em relação ao Design para uma graduação.

Para este artigo, foi tabulado os resultados da segunda pesquisa de forma parcial, já que ela ainda está em aberto para que outras pessoas participem. Assim, até o momento foram obtidas 258 respostas de pessoas de diversos lugares do Brasil, os quais foram gerados alguns dados bem interessantes, a serem apresentados a seguir. Em relação à faixa etária, mais da metade desses ilustradores ou futuros profissionais tem idade abaixo de 28 anos (aproximadamente 55,0% do total). Ou seja, pessoas

jovens que possivelmente estão buscando uma forma de se posicionarem no mercado de trabalho.

Em relação a região do país onde moram, 56,6% são do Sudeste, 17,1% são do Sul, 12,4% são do Nordeste, 10,5% são do Centro-Oeste e 3,5% do Norte.

Das 258 pessoas, 86,8% dos participantes gostam do resultado de suas ilustrações, enquanto 5,4% não gostam e 7,8% são indiferentes ao que produzem.

Uma parte dos participantes, aproximadamente 50,8%, se considera um ilustrador profissional, vendendo os seus trabalhos, mesmo sem algum tipo de regularidade. Esses quando questionados se sua renda financeira vem somente ou em maior parte do trabalho com ilustração como *freelas*, trabalho remunerado, workshops, aula de ilustração etc., aproximadamente 53,4% disseram que sim. Das pessoas que não se consideram um ilustrador profissional (49,2%), aproximadamente 98,4% declararam que gostariam de ser ilustradores profissionais no futuro.

Aos que atuam como profissionais, 68,6% acreditam que o mercado não está bom para a profissão de ilustrador, ao passo que 31,4% acreditam que sim.

Por meio desse questionário foi percebido que mesmo não havendo uma graduação específica para a área, este público continuou seus estudos, visto que aproximadamente 76,0% possuem algum tipo de formação acadêmica, mesmo que incompleta. Outro dado interessante foi que aproximadamente 27,5% ainda estão cursando uma graduação, correspondendo a mais de um quarto do público.

Em relação à escolaridade foi realizada uma pergunta particular para os que tinham e outra para os que não tinham ainda uma graduação.

Assim, quando questionados àqueles que não tinham ainda uma formação acadêmica, se eles achavam que uma graduação em uma área similar iria ajudá-los em sua profissão como ilustrador, aproximadamente 69,4% desse grupo acreditavam que sim, enquanto 30,6% desse grupo acreditavam que não.

Ou seja, por mais que ainda não tenham feito a escolha de qual faculdade fazer, a maioria desse grupo ainda enxerga a universidade como algo a agregar em sua formação enquanto ilustrador.

Dentre aqueles que possuíam uma graduação ou que ainda estavam cursando, um fato agravante foi observado, do total de pessoas que responderam ao questionário, aproximadamente 55,1% do total de participantes escolheram o curso de graduação pensando em serem ilustradores. Desses, aproximadamente 76,9% relataram que a graduação escolhida não atendeu as suas expectativas, enquanto apenas 23,1% participantes se sentiram satisfeitas com a graduação escolhida em relação ao estudo da ilustração. Dos que responderam que ilustração não foi o motivo inicial para a escolha da graduação, mas que surgiu o interesse posterior temos aproximadamente 34,1% do total de participantes. Desses os que não se sentiram satisfeitas com o curso escolhido temos aproximadamente 63,0%, em contrapartida a somente 37% que, mesmo não tendo a ilustração como foco inicial para a escolha da graduação, se sentiram satisfeitas com o que aprenderam, pois conseguiram perceber um paralelo do curso escolhido com a ilustração. Relacionando os últimos dados apresentados,

tais informações demonstram que por mais que as pessoas que tenham até 2º grau completo acreditem que fazer uma graduação ajudaria em sua formação, estes ao começarem a estudar provavelmente se sentirão decepcionadas com a escolha que fizeram.

Dos 258 participantes que responderam ao questionário, foi observado também que aproximadamente 37,9% fazem ou fizeram Design, 21,3% fazem ou fizeram graduação relacionada a artes (Belas Artes, Artes Visuais, Arte Plástica, Educação Artística, Licenciatura em Artes etc.), 6,6% fazem ou fizeram Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Propaganda etc.), 4,7% fazem ou fizeram Ciências Biológicas, 1,6% fazem ou fizeram Moda (sem o enfoque do design), 1,6% fazem ou fizeram Produção Audio Visual, 0,8% fazem ou fizeram Medicina, 0,8% fazem ou fizeram Administração, 0,8% fazem ou fizeram História, 0,8% fazem ou fizeram áreas relacionadas à Informática (Ciência da Computação, Sistemas de Informação, Computação Gráfica etc.), enquanto 4,6% fazem ou fizeram outros tipos de graduação.

Através desses dados foi possível observar que há uma grande preferência pelo Design, seguido de áreas relacionadas à Arte e de Comunicação. Foi interessante também notar que estudantes de Ciências Biológicas procuram a área por conta da ilustração científica, assunto pouco explorado dentro da própria área de ilustração.

Em relação a opinião dos participantes sobre o lugar da ilustração, 72,9% acreditam ser dentro das Belas Artes, 67,8% acreditam ser no design, 65,1% acreditam ser na Comunicação, 37,6% acreditam ser no Marketing, 2,3% acreditam não ser de nenhuma área e 16,3% acreditam ser também de outras áreas. É válido ressaltar que esta pergunta permitia marcar mais de uma resposta, entretanto é possível perceber que para a maioria dos participantes acreditam que a ilustração está mais associada a Belas Artes.

Em relação a como este público faz para complementar sua formação enquanto profissionais, 74% participam de grupos de Facebook, 72,9% seguem canais no YouTube, 66,7% seguem blogs ou sites, 64,0% compram livros, 53,9% fazem cursos presenciais, 31,4% fazem cursos online, 7,8% participam de listas de discussão do Yahoo-grupos, 4,7% nunca fizeram nada e 18,2% fazem outras coisas não mencionadas na pesquisa. É válido ressaltar que esta pergunta também permitia marcar mais de uma resposta.

Já em relação ao conhecimento dos grupos e associações de ilustradores, 42,6% assumiram desconhecer todos os grupos apresentados no questionário, 32,2% participam ou apenas conhecem a SIB, 15,5% participam ou apenas conhecem o Ilustragruppo, 10,5% participam ou apenas conhecem a ABRIPO, 10,1% participam ou apenas conhecem a AEI-LIJ, 9,3% participam ou apenas conhecem a ABRADEMI, 8,1% participam ou apenas conhecem a Tupixel, 7,8% participam ou apenas conhecem a UNIC, 6,2% participam ou apenas conhecem a ACB, 4,3% participam ou apenas conhecem a AQC-ESP, 2,7% participam ou apenas conhecem o GRAFAR, 14,3% participam ou apenas conhecem outros grupos de ilustradores.

Por último foi perguntado ao participante se ele se sente ou se sentiu perdido em relação a sua formação como

ilustrador, sendo 56,2% afirmando que sim, 17,4% afirmando que não e 26,4% sentem-se indiferentes em relação a se sentir perdido.

Ou seja, grande parte do público se sente ou se sentiu perdido em sua formação para serem realmente ilustradores profissionais. Entretanto, o que é ser um ilustrador profissional já que não existe uma formação? Fazer trabalhos remunerados esporádicos? Viver só de ilustração? Ter formação acadêmica em ilustração? Ser um profissional responsável em suas atitudes enquanto estiver em um projeto de ilustração? Ter carteira assinada?

O “ser profissional”, de certa forma, está atrelado a todas essas questões. Se novamente procurarmos no dicionário, encontraremos definições tanto como “aquele que exerce uma ocupação como meio de vida ou para ganhar dinheiro” quanto a questões relacionadas à ética e a assuntos que envolvem a área, ou seja, aquilo que é “relativo, próprio ou pertencente à profissão” (MICHAELIS).

Observando somente a definição do dicionário, qualquer pessoa que ganhe dinheiro uma ou muitas vezes através de suas artes pode ser considerado um profissional. Porém, no site da ABRIPO encontramos um trecho que delimita mais essa ideia, onde para ser ilustrador profissional, não basta fazer algumas ilustrações esporadicamente, mais sim tê-la como meio de vida, bem como dominar as questões que envolvem o ofício:

O que é um ilustrador? Ilustrador é todo artista plástico, desenhista ou artista gráfico que utiliza da ilustração como meio de vida, sendo especialista no assunto e dominador do ofício. (ABRIPO, 2006)

O fato de qualquer um poder se dizer um ilustrador para alguns profissionais da área assusta, tanto que já houveram tentativas de criação de uma possível regulamentação para a profissão. Para esses profissionais a regulamentação ajudaria não só na questão da criação de uma formação acadêmica mais adequada para a área, mas também ajudaria a proteger o profissional atuante. Entretanto, a tentativa de regulamentação iniciada não conseguiu ser levada a diante, por conta de uma não adesão a ideia por grande parte dos próprios ilustradores, seja por desconhecimento desse documento ou por acharem que uma regulamentação impossibilitaria que as pessoas autodidatas ou sem formação acadêmica mais relacionada à área pudessem atuar no mercado de trabalho, sendo vista então como algo delimitador.

É possível que um dos pontos de maior discordância nesta regulamentação seja justamente por alguns acharem que serão obrigados a ter umas das graduações estabelecidas no documento para continuar exercendo suas funções como ilustradores.

É válido ressaltar também que a tentativa de regulamentação aconteceu há alguns anos atrás, hoje é possível que a adesão por parte dos ilustradores tenha mudado, já que foi percebido entre os ilustradores profissionais e futuros ilustradores participantes da pesquisa a ser apresentada um apoio a esta iniciativa, onde 74% acreditam ser relevante uma regulamentação para a profissão.

Tendo ou não a profissão regulamentada, acredito ser necessário ressaltar os benefícios de uma formação aca-

dêmica mais relacionada à ilustração, pois nem todos possuem facilidade para saber o que estudar, onde melhorar, etc. Até mesmo àqueles que possuem facilidade para a área, uma formação só vem a contribuir para “abrir horizontes”.

Um profissional bem formado terá mais chances de ser bem sucedido, e para isso é necessário que se prepare muito antes de se lançar no mercado. Essa preparação passa por vários contextos: é preciso antes de mais nada cuidar de uma boa formação teórica e prática [...] a formação cultural de um ilustrador será preciosa durante sua carreira [...] Será necessário pensar, criar e conceber bem idéias, muitas vezes complementando a criação de outros. [...] O sucesso profissional de um ilustrador não passa exclusivamente por saber desenhar ou quanto cobrar, mas fundamentalmente por saber pensar. É preciso uma dedicação pessoal e intelectual maior do que a média para que muitas outras portas se abram. (ANTUNES, p.5 - 16, 2007)

É claro que uma graduação não torna o aluno um excelente ilustrador só por concluí-la, há outros fatores que também interferem nesse processo de se tornar um profissional, como a própria vontade do aluno em procurar por mais conhecimentos que não só os dados na graduação, por exemplo.

Entretanto, havendo um lugar onde haja pessoas que se dediquem a refletir o assunto, e estando esse aluno em contato com tais conhecimentos, isso poderá fazer com que as suas reproduções visuais sejam de certa forma “contagiadas” por esses assuntos, sendo a troca mais interessante para ele talvez do que se ele estivesse exercendo a profissão sem nenhum tipo de formação e *feedback*.

No caso dos ilustradores brasileiros esse papel de reflexão sobre a área de certa forma está acontecendo através dos grupos de discussão on-line e de canais de vídeos disponibilizados gratuitamente, espaços criados pelo público comum para que haja a troca de informações e de ensino de técnicas, porém ainda com informações e documentos muito espalhados.

Outro ponto de vista do ser profissional é o relacionado à ética. Assim como no Design, temos também um código de ética do ilustrador elaborado pela SIB (2016), que tem por objetivo apontar princípios e formas de conduta que um profissional em ilustração deve ter. Para a SIB, “cabe ao ilustrador dignificar a profissão, assumindo o compromisso de exercê-la sempre visando a perfeição, a honestidade e o respeito à legislação e aos seus direitos e deveres e aos direitos de terceiros” (SIB, 2016).

Esta mesma organização escreveu também o Código da Prática Comercial para os ilustradores, que obedece a Lei de Direito Autoral nº 9.610 e que define em alguns artigos quais procedimentos um ilustrador deve ter perante o contratante ao aceitar um projeto de ilustração.

Em Curitiba também, através da pressão exercida pelos ilustradores locais foi possível conseguir uma cadeira no Conselho Municipal de Cultura. Uma conquista que garante a participação política dos ilustradores, permitindo que seus ocupantes participem das decisões dos rumos da cultura na cidade.

Ou seja, existem algumas iniciativas em termos de reflexão do exercício da profissão, porém espalhadas e que só são encontradas se houver conhecimento dessas organizações e disponibilidade de tempo para procurar por seus documentos. É mais comum para os futuros ilustradores somente se aterem a aprender questões relativas a técnicas num âmbito mais individual do que refletir sobre outras questões, principalmente as relacionadas à prática do exercício no âmbito mais plural.

Dessa maneira, ressalta-se que, como forma de aumentar a reflexão sobre a área, se faz necessário um lugar como uma graduação, um curso de formação, um grupo ou canal virtual para se debater assuntos relativos a área, indicar leituras, informar que esses documentos e organizações existem etc., sendo incentivado o envolvimento desses novos ilustradores para um maior reconhecimento e valorização da área no futuro.

Infelizmente ainda é precário o conhecimento por parte desse público da definição do objeto de pesquisa, o lugar que ele ocupa dentro de áreas de conhecimento, o oferecimento de uma formação profissional mais focada, o reconhecimento enquanto profissão etc. Entretanto a ilustração está cada vez mais presente em um mundo que se torna cada vez mais imagético.

Referências Bibliográficas

- Abripo (Comp.) (2006). Documento de análise para regulamentação e reconhecimento da profissão de ilustrador no Brasil: dossiê ilustração. Brasil: ABRIPO. Disponível em: http://www.abipro.org/?sclid=Artigos.2006-04_Dossie_Flavio_Roberto_Mota_Gregorio. Último acesso em: 03 jun 2016.
- Antunes, R. (Comp.) (2007). Guia do ilustrador. São Paulo: Guia do ilustrador. Disponível em: <http://www.guiadoilustrador.com.br/>.
- Capes (Comp.) (2017). Missão e objetivos. Brasil: CAPES. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=content&alias=missao-objetivos&Itemid=102.
- Chinen, N. (2011). Linguagem HQ: conceitos básicos (2ª ed.). São Paulo: Criativo.
- Eisner, W. (1999). Quadrinho e arte sequencial. São Paulo: Martins Fontes.
- Michaelis (Comp.) (2017). Dicionário on-line. Brasil: Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>.
- SIB (Comp.) (2017). Código de Ética. São Paulo: SIB. Disponível em: <http://sib.org.br/direitos-autorais/codigo-de-etica/>.
- SIB (Comp.) (2017). Código de Prática Comercial. São Paulo: SIB. Disponível em: <http://sib.org.br/direitos-autorais/codigo-de-pratica-comercial/>.
- SIB et al. (Comp.) (2007). Disciplina Ilustração nos cursos superiores de comunicação: uma recomendação. São Paulo: SIB. Disponível em: <http://www.tupixel.com.br/disciplina/recomendacao.pdf>.

Abstract: The present article aims to present partial data from the research carried out with professional illustrators and future illustrators about the academic formation of the illustrator in Brazil, as well as to point out the parallel issues between the teaching of Design and the professional formation of the illustrator in the country. Currently

there is a demand of students who want to be illustrators and, without any specific academic formation for the area, they end up entering, in their majority, in Design. Thus, this article intends to present this training scenario, as well as the difficulties these students will face to become illustrators.

Keywords: Illustration- Academic Training- Illustrator- Brazil.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo presentar los datos parciales de la investigación realizada con ilustradores profesionales y futuros ilustradores sobre la formación académica del ilustrador en Brasil, así como señalar las cuestiones paralelas entre la enseñanza del Diseño y la formación profesional del ilustrador en el país. Actualmente hay una demanda de estudiantes que quieren ser ilustradores y sin una formación académica específica para el área, acaban entrando, en su mayoría, en Diseño. De este modo, el presente artículo pretende presentar este escenario de formación, así como las dificultades que estos alumnos encontrarán para convertirse en ilustradores.

Palabras clave: Ilustración - Formación académica - Ilustrador - Brasil.

(*) **Mônica Lopes Nogueira.** Doutoranda em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na linha de pesquisa "Design, Educação e Sociedade". Mestrado em Design (2012) pela PUC-Rio, bem como graduada em Comunicação Visual / Desenho Industrial (2007) também pela mesma instituição. Exerceu por quase sete anos a função de designer instrucional na Coordenação de Educação a Distância da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (CEAD-UNIRIO), sendo nos três últimos anos como Coordenadora do Setor de Elaboração de Material Didático para a Educação a Distância. Atualmente além de ilustradora, é professora de graduação em Design Gráfico vinculada a Universidade Estácio de Sá lecionando disciplinas mais específicas de Design bem como disciplinas de ilustração e desenho artístico. Possui um canal no YouTube (ilustrAqui) para o ensino de práticas de ilustração. **Rita Maria de Souza Couto.** Bacharel em Desenho Industrial e Comunicação Visual, PUC-Rio; Mestre Doutora em Educação, PUC-Rio. Atuou como Coordenadora de Graduação, Coordenadora de Pós-graduação e Diretora do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. Coordena o Laboratório Interdisciplinar de Design Educação da PUC-Rio. No âmbito da Pesquisa em Design, tem publicado artigos em periódicos e apresentado trabalhos em congressos nacionais e internacionais, com ênfase no estudo dos temas Pedagogia do Design, Design e Interdisciplinaridade, Design no Ensino e Ensino de Design, entre outros. É docente dos cursos de Graduação e de Pós-graduação no Departamento de Artes e Design. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq 1D. É líder dos seguintes Grupos de Pesquisa "Design em situações de ensino aprendizagem", "Estudos interdisciplinares de Design e Educação" e "Design em ambientes digitais", todos cadastrados no Diretório de Pesquisa do CNPq. É consultora *ad hoc* do CNPq, CAPES, FAPERJ e FAPESP. **Flavia Nizia da Fonseca Ribeiro** - Doutora em Educação e Mestre em Design pela PUC-Rio, Bacharel em Desenho Industrial, com ênfase em Comunicação Visual pela mesma instituição. Pesquisadora colaboradora do Centro de Pesquisa sull'Educazione ai Media all'Informazione e alta Tecnologia do Departamento de Pedagogia da Università Cattolica del Sacro Cuore,

Milão, Itália - no qual realizou Doutorado com Estágio no Exterior - PDEE, como bolsista da CAPES. Também atua como pesquisadora na PUC-Rio no Diretório de Pesquisa Jovens em Rede, e no Laboratório Interdisciplinar Design Educação. Na área da docência atua como professora do quadro complementar do Departamento de Artes & Design desde 2009, atualmente ministrando as disciplinas de História

do Design I, Teoria do Design, Tendências em Comunicação Visual, Projeto - Planejamento, Projeto - Usos e Impactos Sócio Ambientais e Anteprojeto de Comunicação Visual. Participa como pesquisadora de projetos junto ao UNICEF e Banco Mundial da República de São Tomé e Príncipe, ao IPTI, a CVM e ao Instituto Pró-Saber.

As disciplinas de Desenho e Ilustração em cursos de graduação em Design

Actas de Diseño (2022, abril),
Vol. 39, pp. 143-152. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2017
Fecha de aceptación: julio 2018
Versión final: abril 2022

Mônica Lopes Nogueira, Rita Maria de Souza
Couto e Flávia Nízia de Fonseca Ribeiro (*)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo trazer a reflexão a necessidade das disciplinas de Desenho e Ilustração dentro da grade curricular do curso de graduação em Design. Levanta o questionamento sobre como essas duas disciplinas estão sendo lecionadas, se fazem ou não uma abordagem interdisciplinar com os conteúdos aprendidos pelos alunos nas demais disciplinas do curso. Apresenta experiências onde os alunos não veem como importantes tais matérias, bem como têm uma visão distorcida de que aula de Desenho e Ilustração é somente um espaço para desenhar e nada mais. Ao longo do texto são apresentadas algumas questões que podem ser ensinadas nessas disciplinas e que reforçam os conceitos bases da área, bem como é apresentado o uso da ilustração em algumas abordagens levadas em consideração em projetos de Design.

Palavras-chaves: Ilustração - Desenho - Grade Curricular - Design.

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 151]

Para o oferecimento de uma graduação em Design é necessário que a instituição de ensino reflita sobre o ato de representar elementos visuais (objetos, tipografia, texturas etc.), buscando sempre uma didática apropriada para trabalhar os conceitos da área de forma com que seus alunos os experimentem na prática ao longo do curso através de suas disciplinas.

Em relação a formação acadêmica de um designer, é percebido, geralmente, dentre as disciplinas obrigatórias que compõem a sua grade curricular, que há as aulas dedicadas ao Desenho e a Ilustração. Entretanto, como são vistas e lecionadas tais disciplinas? Será que os professores fazem ligação entre o que os alunos estão produzindo durante as aulas e os próprios fundamentos do Design (ponto, linha, plano, figura-fundo, cores etc.)? Em termos de representação, será que conseguem abordar as possibilidades de construção de uma imagem e, assim, também tratar desses conceitos bases necessários a formação de um designer ao propor exercícios de desenho ou de ilustração?

Por ter feito minha graduação na área, onde a disciplina de Desenho foi dada de forma puramente artística e por ter trabalhado, no começo de minha carreira como docente, em outra instituição que forma também designers, onde a disciplina de Ilustração no Projeto Pedagógico do

Curso foi elaborada para ser apenas o ensino de *software*, pude perceber que há muita diferença no oferecimento dessas disciplinas de instituição para instituição.

Atualmente, leciono tais matérias e me questiono não só sobre as visões diferenciadas de cada instituição, mas também sobre o porquê parte dos alunos de Design ainda não percebe o benefício dessas disciplinas para a sua formação. Por vezes presenciei estes dizendo, no início do semestre, que uma aula sobre esse tipo de conteúdo era desnecessária para a sua carreira, bem como observei que há dificuldade no próprio aluno em perceber o que é saber desenhar ou o que realmente é uma ilustração.

Dessa forma, desde que me tornei professora, o assunto do primeiro dia de aula sempre se relacionou ao porque é necessária uma disciplina de Desenho e/ou de Ilustração para a formação de um designer. E pelas reações geradas pude perceber que para a maioria das turmas tais disciplinas não são importantes, já que um designer não precisa saber desenhar para ser um bom profissional.

Quando este tipo de afirmação aparecia nas discussões, era percebido que a visão da turma sobre o que é saber desenhar, na maioria das vezes, estava diretamente relacionada a saber desenhar de forma extremamente realista, o que não corresponde ao que é saber desenhar.